



Concurso Literário – 2013

14ª edição

TRABALHOS PREMIADOS

Prémio Dr.^a Teresa Henriques (Poesia)

1ª Categoria (Ensino Básico)

1º Prémio

Liberdade esvoaçante

No meio da verdura transparente,
ecoavam gritos ensurdecidos
de pássaros que voavam livremente
por entre os prados e as flores.

Veio um pousar ao meu lado,
e eu, tão prisioneira de mim,
perguntei-lhe, de ar magoado:
-Porque zombas de mim assim?

Logo ele todo empertigado,
encheu o peito de ar,
e como fazendo troça de mim,
começou a cantar.

Adormeci num sonho sem fim,
e ainda irritada,
apareci no sonho do pássaro
a fingir que voava!

Maria Inês Hermenegildo, 8º1

2ª Categoria (Ensino Secundário)

1º Prémio

Vida

Devora a minha alma

A tua maré vazia

Tão vazia como a minha alma

Tão frágil como a vida!

Leva-me contigo pelo nada;

Enrola-me na tua onda enfurecida

E eu finjo ser peixe na tua água

Tão pequena como a vida!

Lança-me contra os teus rochedos

Serei como eles: fria e dura;

Deixo com o teu mar os meus medos

Tão meus como da vida a amargura!

Rita Alves, 12º 6

2º Prémio

Guarda-nos

Guardo-te em mim;
O teu olhar, o teu sorriso feliz.
Guarda também o meu sorriso
Daqueles tempos perdidos,
Pouco de nós restou
Apenas a lembrança de que existimos.

Guarda-nos assim:
Eternos pequeninos
Como se tivéssemos partido
E apenas aquela imagem sobrevivido.

Lembra-te de mim antes de ser
O que me tornou a dor:
Aquele inconsciente alegria de Viver
Aquele olhar que era Amor.

Rita Alves, 12º 6

3º Prémio

Lua

Sê minha como eu sou tua
Na plenitude da alma
Traz ao meu desespero a tua calma
Ilumina o meu rosto nestas ruas
Em que as sombras fogem dos donos
E os loucos são os mais sensatos.
Traz a lucidez aos meus atos
E vigia a criança que sou no sono.

Que o crepúsculo seja eterno
E te traga nos braços
Mantém-te no meu encaço
Que a noite cai mas é efémera
E quando o sol nasce tu vais
Por entre as sombras do seu esplendor
Como se não fosses mais que a cor
Que ilumina a negrura que cai.

Rita Alves, 12º 6

Prémio Dr.^a Teodora Mourato (Prosa)

1ª Categoria (Ensino Básico)

1º Prémio

HISTÓRIA DE UM GRANDE HOMEM E DO MENINO QUE O ENSINOU A NAVEGAR

Estava uma grande confusão no cais de Lisboa: bagagens, muitos baús, muitos barris, cabras, ovelhas, coelhos, caixotes empilhados, muita gente a correr de um lado para o outro, muitos gritos e choros de despedida, enfim uma grande confusão.

No meio dessa confusão, lá estava eu, pequeno, de olhos cor de azeitona, muito abertos a olhar para uns barcos que pareciam muito antigos, umas caravelas iguaizinhas às que tinha estudado na aula de história no 5º ou 6º ano, cheias de homenzarrões, de estatura robusta, caras bem bronzeadas, ou antes queimadas do sol, que vestiam roupas também iguais às do manual de história.

- Vamos partir! – ouvi de repente um homem com ar de capitão a gritar.

O meu pai, como marinheiro que era, ia fazer a sua primeira viagem para tentar encontrar novas terras e eu ia ficar sem o ver cerca de um ou dois anos.

Decidi, então, embarcar também. Despejei um barril de rum para a água e escondi-me lá dentro.

Passado algum tempo, já o barco ia em alto mar, senti-me um pouco esquisito e agoniado com tantas ondas e balanços e aquele cheiro a rum, que tinha entrado nas minhas roupas, cabelo e pele e talvez por não ter comido nem bebido nada desde o início da viagem. Apercebi-me que não aguentava nem mais um segundo naquele barril escuro e desconfortável e, então, abri a sua tampa para ir ter com o meu pai.

O sítio parecia irreal e cheirava a peixe podre; havia também muitos homens ocupados que içavam velas, dobravam velas, baixavam velas e que faziam muitos nós em cordas bastante largas.

Subi as escadas, fui dar ao convés e qual não foi o meu espanto ao ver o céu muito nublado e iluminado por enormes relâmpagos seguidos de grandes e ruidosos trovões, uma terrível tempestade. Decidi logo ir ajudá-los a remar para ver se não éramos arrastados pelas ondas.

- Sai daí miúdo! – gritou um homem.

- De onde é que este apareceu? Era só o que faltava, mais uma boca para comer. – berrou outro.

- Desaparece ou atiramos-te ao mar! - ameaçou outro.

E o meu pai não aparecia.

O homem, com ar de capitão ordenou:

- Concentrem-se agora em remar e depois logo veremos o que faremos com o miúdo.

Apesar do grande esforço de tantos homens, o barco parecia não se mover. Então, agarrei nuns remos de madeira muito pesados e comecei a remar com toda a minha força. De repente, a escuridão desapareceu e uns raios solarengos irradiaram a água e o barco.

- Talvez estivéssemos enganados acerca do rapaz. Ele é capaz de ser uma espécie de amuleto da sorte. – comentou um dos marinheiros com um sorriso de satisfação na boca.

E só então, o meu pai se apercebeu que era eu. Deu-me um grande abraço e quando me perguntou porque é que eu estava ali, respondi-lhe que não aguentaria tanto tempo sem o ver e, de seguida, demos outro grande abraço.

O capitão foi-me cumprimentar com um aperto de mão e, a partir dessa altura, senti-me um verdadeiro marinheiro. Após o jantar fui até à proa do barco e lá estava o capitão.

- Desculpe, para onde é que vamos? Quando é que chegamos? – perguntei curioso e com algum receio da resposta, pois acho que não ia aguentar muito mais tempo a balançar dia e noite.

- Para onde vamos? Então não sabes? Vamos para a Índia. E desta vez vamos conseguir passar o Cabo das Tormentas e chegar à Índia por mar, com a tua sorte....

- Para a Índia? Cabo das Tormentas? Então, tu és... és.... – gaguejei.

- Sou Vasco da Gama! Não me conheces? – perguntou espantado.

- Claro que conheço, és famoso, quero dizer, vais ficar na história, vais chegar à Índia, trazer especiarias desconhecidas e o Cabo das Tormentas vai passar a chamar-se Cabo da Boa Esperança e – parei muito confuso.

- É giro este miúdo! Diz coisas engraçadas! Queres que te ensine a usar a bússola e o astrolábio? – perguntou Vasco da Gama, quero dizer, o meu amigo Vasco.

Explicou-me tudo sobre caravelas, meios de sobrevivência e temporais. Decorei tudo com receio de falhar nalguma missão importante. Quando me mostrava a bússola, interrompi-o:

- Se quiser, empresto-lhe o GPS do meu pai! – disse orgulhoso.

- Um quê? O que é isso? – perguntou ele, com admiração.

- É um instrumento que tem as mesmas funcionalidades que a bússola, mas apresenta uma localização e um percurso muito mais específico e é eletrónico. Mas não se engane a usá-lo senão vai parar à Austrália!!!!

- Onde? Ah, ah, ah...

Trim! Trim! Trim!- Tocou o despertador.

- Despacha-te, vais chegar atrasado à escola – gritava a minha mãe da cozinha como era habitual todas as manhãs.

Levantei-me com um enorme peso na cabeça, muito confuso e enjoado dos balanços do mar... mas afinal, como é que eu estava ali, no meu quarto, já teria chegado à Índia? ... Que confusão, que dor de cabeça!

Quando cheguei à cozinha, estava a dar os golos do Messi. O Barcelona tinha derrotado o Real Madrid por 3-1. De repente, interromperam com uma notícia de última hora:

“Encontraram o verdadeiro esqueleto de Vasco da Gama perto da Austrália, o que prova que o mesmo chegou à Austrália e não à Índia como se pensou durante vários séculos. Tinha com ele uma bússola muito moderna, parecida com os nossos GPSs, meia roída por tubarões, o que prova que já havia instrumentos muito mais avançados do que os historiadores pensavam...” E continuou, só que eu não conseguia prestar atenção, nem sequer aos golos do Messi!

Continuei a engolir os meus cereais, com muita dificuldade e fui interrompido pelos gritos do meu pai que vinha da garagem.

- Alguém tirou o GPS do meu carro?

Decidi continuar a comer e não contar o meu sonho a ninguém, pois iriam pensar que precisava de ser internado de urgência num hospital de malucos!!!!

Tomé Coelho, 7º1

2º Prémio (*ex æquo*)

O Peter Pan é que tinha razão

Na verdade nunca pensei que crescer fosse algo complicado. Sempre pensei que a adolescência era a fase mais maravilhosa da nossa vida, aquela em que saíamos com os nossos amigos, discutíamos uns com os outros, mas no final acabava tudo bem; em que não gostávamos de alguém e no final descobríamos que essa pessoa era fantástica, em que havia um príncipe encantado ao meu lado e em que os meus pais me deixavam sair quando quisesse, como vemos nos filmes. Mas, na verdade, nada é assim, discutimos, perdemos amigos, não gostamos uns dos outros e ainda descobrimos que os príncipes encantados apenas pertencem aos contos de fadas. E sabem a quem dou razão? Ao Peter Pan, que não queria crescer, pois realmente a infância é a melhor altura da nossa vida, quando tudo é simples e sem complicações!

Além de termos uma cara cheia de borbulhas, achamo-nos feias, tentamos sempre pintar-nos de manhã, olhamo-nos milhões de vezes ao espelho antes de sair de casa, escolhemos a roupa perfeita no dia anterior, colocamos brincos, colares e também pulseiras, disfarçamos imperfeições com base, corremos para ir ter com as nossas amigas só para contar uma novidade, não brincamos para manter a postura de meninas crescidas, mas na verdade ainda o queremos fazer, discutimos por parvoíces e então? Somos adolescentes, somos as meninas que estão na idade da prateleira, somos tipicamente assim! Para além de tudo isto, ainda existem as famosas crises, que são de dois tipos: as nossas, sobre as quais enviamos mil mensagens às nossas amigas e as das amigas, das quais somos psicólogas sem diploma durante 24 horas por dia.

E no meio de tudo isto, para que serve a adolescência afinal? Ora, serve para nos preparar para a vida, para aquilo que será o nosso futuro antes que ele chegue. Esta mostra-nos que não devemos acreditar em toda a gente, mostra-nos que nem tudo é bom, e finalmente abre-nos os olhos para situações futuras com as quais vamos ter que saber lidar. E depois? Depois tudo isto acaba, tornamo-nos adultos e aí teremos outros tantos problemas que dariam um texto bem maior que este.

Joana Oliveira, 9º1

2º Prémio (*ex æquo*)

Deus por um Dia

O dia começou cinzento cheio de névoa. Eu sentia também um nevoeiro dentro de mim. Não percebia bem o que me estava a acontecer. Sentia-me estranho e doente. Isso mesmo, eu tinha acordado doente. Às vezes precisamos de tempo para percebermos o que nos está a acontecer.

Costumava rezar todos os dias, mas hoje faltavam-me palavras para me exprimir. Estava numa esplanada com a minha família e perguntaram-me o que se passava comigo. Não lhes soube responder. Percebi que tinha de analisar melhor os meus pensamentos. Quando regressava a casa, apareceu-me um homem vestido de branco, de cabelo rapado, com um ar forte, um sorriso largo, tranquilo e questionou-me:

- Boa tarde, como te chamas?

Ao fim de algum tempo de hesitação respondi-lhe:

- José

Percebi que ele queria pedir-me ou oferecer-me algo. De repente, olhei para este homem e decidi ouvi-lo sem medo, embora tivesse começado a chover intensamente. Quem estava à minha frente? Tinham desaparecido todos. Só eu e ele. Observei-o melhor, e vi uma estrada de luz espiralada que unia este homem ao Universo. Fascinou-me. O olhar dele era luminoso, calmo e profundo. Parecia um encontro de outra dimensão!

- Quem és tu? Pareces-me Deus?! Bom, mas a sê-lo, não és bem como eu te imaginava! - exclamei.

- Não, não sou Deus. Sou o seu duplo. Transmito as ideias de Deus. Sou uma espécie de agente - responde.

-- Agente? Deus têm agentes?- perguntei com cara de espanto.

-- Asseguro-te que sim.

-- Está a gozar!

-- Não se goza com o nome de Deus.

Comecei a pensar em todas as possíveis opções para não levar a sério o que este me dizia. Pedi-lhe para se ir embora. Mas ele ficou. Foi um momento bastante constrangedor. E Ele continuou:

- Deus adoeceu, como acontece com os humanos feitos à sua semelhança, e precisa que o substituas por um dia, ao menos, para se poder tratar.

- Ah! Deus quer trocar: ser humano por um dia e eu ser Deus pelo mesmo período de tempo – concluí finalmente

- Mas Deus não te elegeu só a ti como possível eleito para esta missão. Ele elegeu um grupo de pessoas, mas só uma será a escolhida. Deus pede que lhe apresentes um projeto, contendo todos os teus planos. Dá-te a oportunidade de mudar algo no mundo, só uma coisa - apenas uma. Tens que lhe dizer o que vais mudar, o porquê, se vais precisar de ajuda, os prós, os contras tens que lhe explicar tudo! Tens até sábado.

- Muito obrigado! Farei o meu melhor.- respondi eu.

O homem desapareceu e misteriosamente apareceu toda a gente de novo.

“Sábado... “, pensei para mim, subi até casa, olhei para o calendário e disse com a voz bem alta:

- Sábado?! É já amanhã! Que faço?!

Sentei-me ao computador e, sem demora, escrevi textos e textos. Depois pensei, vou utilizar o coração para pensar. E escrevi:

“Querido Deus, meu querido companheiro. Falo contigo todos os dias, és o meu anjo da guarda. Aceito a tua proposta, embora tudo isto seja confuso para mim, porque a possibilidade de me tornar Deus e de tudo me ser possível, bloqueou-me desejar fosse o que fosse. Será que fiquei com medo de ser Deus, como tu és? Tanta responsabilidade! Tudo é possível, e fico sem saber o que fazer!

Bem, estive a pensar naquela imagem da luz espiralada e lembrei-me da cadeia do ADN. O ADN também tem esse desenho. Na minha ideia, pensei introduzir uma mutação na raça humana: gostaria de introduzir no ADN um gene que promovesse mais consciência e solidariedade entre as pessoas.

Faria evoluir a espécie humana!

Se calhar fiz esta escolha, porque vivemos todos uma crise que não é só económica, mas de relação entre as pessoas. É preciso que elas se relacionem de uma maneira melhor e com mais confiança, para poderem produzir progresso e felicidade.

Quais os prós e os contras? Os prós são muitos, menos injustiças, menos desigualdades, mais respeito, mais trabalho... Os contras, se é que o são: ter que crescer mais, mais responsabilidades... Mas vale a pena!

Para levar este plano à frente, contactarei alguns cientistas, artistas e filósofos, porque só com trabalho de equipa se pode realizar um projeto destes.

Obrigado pela oportunidade! Espero a tua resposta em breve.

Um abraço do José.”

3º Prémio

Diário

4 de outubro, Almada

Diário,

Passei o dia, na loja, a olhar para as minhas amigas a irem embora. Todos os dias imagino o quão bom seria ir também para o Mundo exterior, trazer a felicidade a uma criança que não se importa de ter cáries.

Mas ainda aqui estou, goma ursinho amarela, com que ninguém gosta de se deliciar, com o doce limão que tenho para dar.

Gosto de, a todos, agradar, mas ninguém me quer provar. Sou a única de limão no meio de tantas que, a mim, parecem sabão.

Por isso aqui estou todos os dias a sonhar, a contar as prateleiras que me parecem iguais. Aqui estou a ver os dias a passar, mas por este andar ainda no lixo hei-de acabar.

Todos têm sonhos difíceis de concretizar mas eu só queria ser livre, ter asas para voar. Por cada goma que se vai embora é como se o meu coração se partisse aos bocados.

Posso ser goma de limão mas sonho com o dia de encontrar uma criança sem biberão.

Durante a noite dou por mim a pensar onde todas as outras gomas vão parar. Quem me dera a mim poder experimentar!

Hoje a loja fechou para remodelar e eu estou a adorar. Com tantas prateleiras a mudar de lugar, talvez eu ao de cima venha a acabar.

Catarina Miranda, 7º4

2ª Categoria (Ensino Secundário)

1º Prémio

A Força das Palavras

Sara pegou no lápis e no caderno novo que tinha recebido pelos anos. Aos poucos e poucos, as vozes em seu redor foram-se dissipando. Estava já a quilómetros daquela maldita aula de filosofia, durante a qual o relógio teimava em andar sempre mais devagar. Como ela detestava filosofia...

Começou a escrever as primeiras palavras: “ Foi no Verão escaldante de 1981...”. Nesse momento, alguma coisa lhe acertou na cabeça. Olhou para o lado, pensando que seria mais uma das brincadeiras do seu colega Ricardo. Qual não foi o seu espanto, quando viu um rapazinho de dez anos em calção de banho a correr na sua direcção. Esfregou os olhos para ter a certeza daquilo que via. O rapaz estava agora a seu lado.

- Está bem? Peço desculpa, eu e o meu irmão estávamos a jogar à bola e ele chutou com muita força.

Ainda meio atordoada, Sara devolveu-lhe a bola, respondendo que estava tudo bem.

Olhou em seu redor boquiaberta. Estava sentada à mesa de uma esplanada de praia, sob um escaldante sol de Verão, com o seu caderno e lápis à frente. O que se tinha passado? Ela estava confusa, ainda há pouco estava na aula de filosofia! Apagou o que tinha redigido anteriormente e escreveu: “João estacou. Estava no meio de uma densa floresta, sem saber para onde ir”. Ao erguer a cabeça deu consigo sentada debaixo de um enorme cipó, e à sua frente lá estava o João, sem saber o que fazer. Sara estava incrédula. Seria possível que tudo o que escrevia se tornava realidade? Decidiu tentar mais uma vez. Voltou a apagar as frases anteriores e começou: “ Numa bela noite estrelada de Inverno, o fumo cinza claro da chaminé de uma humilde casa de madeira contrastava com o brilho da neve imaculada”. Observou o ambiente circundante e deparou-se com a pequena casa de madeira por entre abetos esbranquiçados.

Sara, amante das ciências exactas, não era capaz de encontrar qualquer explicação lógica para o que se estava a passar. Agora era ela que não sabia o que fazer, por isso decidiu ficar ali sentada sobre um pequeno rochedo, em frente à casa fumegante. Foi então que uma senhora, já com os seus setenta anos e de olhos grandes e expressivos, abriu a porta. Assim que reparou em Sara, foi na sua direcção, estendeu-lhe a mão enrugada e perguntou:

- Que fazes tu aqui minha querida? Deves estar gelada! Vem para dentro aquecer-te à lareira.

Sara ergueu os olhos para aquela simpática figura. Ao realizar que, de facto, estava gelada, deu-lhe a sua mão e aceitou o convite.

O ambiente no interior da cabana condizia com a natureza exterior contrastando, porém, naquele doce conforto proporcionado pela temperatura da lareira e pelas luzes suaves que iluminavam o espaço. Sara observou atentamente. À sua direita abria-se uma sala de estar consideravelmente ampla, com lareira ao centro da parede do fundo. Em frente à lareira estava uma mesinha redonda de madeira e duas poltronas, uma de cada lado da mesa. Do seu lado esquerdo havia uma pequena cozinha, separada do restante espaço por um balcão que, como quase todo o resto, era de madeira. A anfitriã indicou-lhe uma das poltronas, oferecendo-lhe uma manta para cobrir as pernas. Sara estava um pouco nervosa com tudo aquilo, mas achou que o melhor que tinha a fazer seria revelar o sucedido àquela simpática senhora. Minutos depois ela saiu da sua reduzida cozinha segurando cuidadosamente um tabuleiro de madeira com duas canecas de chocolate bem quente. Pousou o tabuleiro sobre a mesa, deu uma das canecas a Sara e, sentando-se em frente a ela, pegou na outra caneca para si.

- Ainda não me contaste como vieste aqui parar – iniciou a senhora- como te chamas?

- O meu nome é Sara e ... é uma história complicada. Tudo começou esta manhã, na escola. Eu estava numa aula de filosofia e, como estava aborrecida, comecei a escrever - contava Sara pausadamente.

A senhora estava encostada à sua poltrona, com as mãos em redor da caneca, a escutá-la com toda a atenção. Na sua frente, ligeiramente enrugada, observava-se ternura tal, como se de uma neta se tratasse. E ali ficaram as duas, noite fora a conversar.

De súbito, ouviu-se o toque estridente de uma campainha. Sara petrificou. A medo começou por levantar lentamente os olhos e depois a cabeça. Apesar de quase todos os seus colegas estarem já de pé, apostos para deixar a sala, ainda foi possível ouvir a professora concluir:

- ... e não se esqueçam: nunca subestimem as palavras. Elas são mais poderosas do que pensamos.

Beatriz Ribeiro, 10º1

2º Prémio

Quarto Crescente, 21 de Março

Peço, desde já, desculpa, por estar a maçar-vos com matérias tão pouco importantes; é que, sabem, a minha vida (poder-se-á chamar-lhe vida?) é feita apenas disto, de assuntos que em nada interferem com vossas vidas de trabalho. Suplico-vos que acreditem que por isto me sinto mal e me sentirei arrependido, mas é devido à minha consciência que não consigo cessar de procurar: procurar alguém como eu.

Chamem-me louco; não me importarei, na medida em que ainda não se sabe se a loucura é ou não a suprema inteligência. E se, na verdade, os loucos não serão aqueles que viram da nossa existência o significado. Passo então, meus amigos, a explicar-vos: Desde pequeno que vivo nesta pequena aldeia, tão fria que queima e tão escura que cega. No entanto, vi e conheço mais do mundo do que qualquer um de vós. Dentro de mim, existe mais tristeza do que existe fome no oriente e mais sabedoria do que em todos os médicos e astrónomos do mundo. Por favor, não me julguem convencido; este dom não é para mim motivo de orgulho, mas pelo contrário de agonizante desespero e desolação.

Apesar desta minha condição, fui capaz de amar. Amei, outrora, essa bela princesa a quem foi dado o nome de Leonor. E, com os lábios encostados aos seus e a luz fresca do seu olhar fixo no meu, contava-lhe a minha vida que era nada e os meus sonhos que eram morte. Leonor era uma rapariga pura e etérea, como a água que cresce na montanha. A sua face branca assemelhava-se à Lua, possuindo uma capacidade inegável de iluminar as minhas noites. Se alguém esteve perto de me compreender, esse alguém foi Leonor. No entanto, cedo esta maldição de que sofro desde criança se apoderou do nosso amor; e entreguei-me a prazeres mais simples, a mulheres mais banais, porque a singularidade de Leonor era, talvez, mais do que eu podia aguentar.

E desde aí que vivo (ou não vivo) aqui, sozinho, dentro desta casa que não é minha. E a cada dia que passa me sinto mais perto da unidade, mais perto da demência. Pois a unidade é tudo: o princípio e o fim, a vida e a morte, a sabedoria e a ignorância. E, visto que sou medroso e covarde, decidi morrer esta noite a olhar para a face de Leonor.

Mariana Almeida, 10º7

3º Prémio

Sonhar

Nada deixei, nada deixarei. Em tudo o que toquei, nada marquei. Que inútil existência a minha, de que me vale a vida se nada deixarei, nada marquei? De tudo serei ilibada, Deus perdoa, dizem eles.

Olho em frente, apenas um vazio se ergue perante de mim, incitandome a fazer parte dele, iludindo-me com ideais, planos, um futuro. Um futuro? Sim, futuro, dizem eles. A sobrevivência - leio nas entrelinhas, pois neste futuro incerto, nada mais espero que sobreviver. Viver... que conceito evasivo. Ou se calhar a sobrevivência ocupa tanto o nosso tempo, que entretanto nos esquecemos de viver. É uma razão plausível. Todos parecem aceitá-la, de bom grado ou não; engolir sapos é vital para sobreviver.

O meu pai exige boas notas, a minha mãe encoraja-me a estudar, na expectativa comovente de mais tarde vir a colher os frutos. Para quê? Pergunto eu.

- Ouve o que te digo! Mais tarde vais-me agradecer. A vida não está fácil para ninguém.

Não questiono. Para quê? Desacatos e discordâncias não me faltam. Desacatos e discordâncias interiores, dilemas meus, pensamentos meus, o exterior não me compete entender; nada deixará. A minha finalidade não é entender guerras civis, confrontos políticos, violências, roubos, mortes – assuntos da vida – quero esclarecer o meu interior, tão vasto de pensamentos meus, de desacatos e discordâncias pessoais. Vou divagando, traduzindo em papel todos essas pontas soltas que desencadeiam outras, e outras, e outras... e outros, e outros, e outros pensamentos.

Para quê? Perguntam. Pergunto-vos antes eu - que me impingem notas e competências, estudos e conhecimentos - porquê entender e refletir sobre a vida? Tão complexa, tão peculiar. O espelho da alma humana. Um nada, no meio de tanto nada, que forma tudo. Tudo isto é nada. Compete-me a mim entender-me. Engulam os vossos sapos, que eu hei-de batalhar e proclamar, não me conformo, quero entender – o papel que desempenho.

A minha amiga orientou-me, esta é a história dela, e de todos nós.

Eu tinha uma amiga, a Margarida. Gostava muito dela, transmitia-me calma, tinha uma inocência e uma ignorância que eu invejava, como se a vida fosse passando ao lado como um plano paralelo, nunca intercetando os seus afazeres.

Ela tinha um emprego fixo, seguro, trabalhava num banco. Tinha um bom salário, podia sustentar caprichos pontuais. Mas que caprichos, se nada substancial ou fútil lhe era apelativo? Margarida vivia, literal e metaforicamente do ar que inspirava; o seu salário não podia pagar uma substância que tantos banalizam, de acesso comum, mas poucos inspiravam esse ar, e o valorizavam como Margarida.

Ela sonhava como se nos filmes corresse incansavelmente sobre uma planície pintada de amarelo, colorida por girassóis, tão alegre, tão natural. Nada a delimitava, nada a impedia, nada a prendia. Caçava ou pescava –

conforme o apetite – o que comia, bebia do fresco lago de água doce que delineava o alegre campo. Que quadro bonito, pelo que tão distante apesar de parecer tão possível. Não havia salário que comprasse a liberdade que Margarida queria reaver.

A minha amiga sentia-se acorrentada a um sistema que condicionava todas as suas vontades, vivia numa rotina, algo que jurara em tempos nunca permitir – cair na rotina. Tarde de mais, ela era mais uma marioneta da sociedade. Sentia-se sufocada, pois tudo o que sempre desdenhara, agora controlava o mundo. Dinheiro, luxúria, carreira, estatutos, fama. O que a rodeava eram secretárias impessoais, cinzentas, quadradas, um formato standard, enfadonho, que por sua vez suportavam computadores - essas máquinas malignas, capazes de agarrar a racionalidade e discernimento do ser humano, e desligá-lo do mundo. Mundo, mas que mundo? Um mundo repleto de criaturas egoístas, interesseiras, que não olhavam a meios para atingir fins. Fins, mas que fins? Dinheiro, luxúria, carreira, estatuto, fama...

Margarida, num acesso espontâneo de liberdade, despediu-se. Despediu-se, pensando que assim se desacorrentava daquele sistema, que se despedia da sociedade. Pensando que assim que o fizesse, abriria a porta do banco, e ali estaria, à sua frente, o tal campo de girassóis, no qual correria incansavelmente, sem objetivos, sem obrigação de os ter. E que recuperaria a sua liberdade, como se fosse o porta-chaves que tinha deixado perdido algures no apartamento, e que há tanto procurava. Deixava agora todos os lunáticos egoístas do banco, gentalha essa com quem nunca criara qualquer tipo de ligação, para trás.

Surpresa a da minha amiga, que se deparava agora, sozinha, desamparada, sem salário, sem campo de girassóis, sem sustento, ainda inserida na diabólica sociedade que tanto desdenhava, manipulada pelo Governo de que nunca quisera saber, controlada pelos polícias corruptos que nunca respeitara, condenada pelo tribunal injusto a que nunca obedecera, era mais uma ovelha do rebanho sem pastor, que dava voltas e voltas e perdia-se pelo meio.

Encarou a sua triste realidade, Margarida era uma escrava da vida, como tantas outras.

Lutava agora pela sua sobrevivência - qual campo de girassóis, qual lago de água doce fresca, qual liberdade? A minha amiga não mudara as suas vontades, e os seus ideais, pelo que a vida ensinou-a a aprender a adequar-se à sua realidade e a aceitá-la. Não há outra realidade, ela agora sabia disso, nunca chegara a conhecer a outra realidade por que tanto ansiava, alusiva à liberdade que tanto esperava ter. Não. Não havia maneira de a conhecer. Era uma ilusão. Não há outra realidade senão esta.

A minha amiga trabalha agora “a servir às mesas”, que rude expressão, mas não há eufemismo que melhore o nome do cargo que agora desempenha. É uma empregada de um bar, com o salário mínimo pago por um patrão gordo de barba grossa, manga cava, pelos no peito, mau hálito e com um palavreado pouco ou nada cordial. Um bar frequentado pela malta frustrada com a miserável vidinha sem significado que levava. “Afogam as suas mágoas” no copo de cerveja que seguram pela noite adiante, discutindo sobre o jogo de futebol que deu no domingo. E as calamidades que não chamam ao árbitro! Não discutem política, já nada sabem, que interessa

agora quem governa? São uma maquete de uma sociedade ainda por **construir**.

Tiro o chapéu a Margarida por se ter mantido fiel aos seus ideais. Era a ovelha negra do rebanho sem pastor. E de que valia a revolução se já outras foram feitas, e não havia retorno para este ciclo vicioso?

Mas eu nada sei sobre a vida, a Margarida fala-me vagamente de conceitos e palavras que nunca ouvi, fala-me de contas que tem para pagar, IRS's, IVA's, e outras siglas, transmite-me preocupações que não as minhas, preocupações que não entendo, relata-me desgostos de amor, histórias e desenlaces românticos. A Margarida tem muito para contar, tem experiência, e a vida para ela é amarga, não tem significado, não deixou nada, não marcou nada nem ninguém, apenas a sua lápide fará parte de tantas outras num cemitério como tantos outros. Qual o papel de Margarida na vida? A realidade que procurava era uma ilusão que outrora poderia ser bem real, se não estivesse acorrentada neste sistema absurdo. Margarida queria fazer uma introspecção, queria levar uma vida despreocupada, em que nada a controlasse, muito menos o dinheiro! Não queria ouvir senão um agradável silêncio que lhe respondesse a todas as perguntas, lhe esclarecesse todas as dúvidas. Queria ser livre. Não lhe foi dada essa oportunidade. Nem quando se despediu do seu emprego.

A vida é de facto amarga, diz ela. Desde que nascemos, que somos levados a acreditar em fantasias como o pai natal, a fada dos dentes, construir uma carreira, assentar e ter filhos. Sim, tudo farinha do mesmo saco, fantasias! E damos por nós, adultos, a fazerem-nos acreditar numa outra fantasia de crianças: Deus. Mas que Deus?

Se de facto há um Deus, um pai natal e uma fada dos dentes, esfrego a lâmpada mágica e peço: Quando Margarida morrer, deixem-na partir para um campo de girassóis, realizem tudo o que ela fantasiou. Não a levem para o céu, levem-na para um campo coberto de amarelo vivo, riscado pela água fresca que lhe molhará a cara, que tenha um sol forte incidindo sobre cada pétala de cada flor. Levem-na para onde a sua alma será imortalizada, levem-na em paz, levem-na para um sítio melhor.

E na sua lápide vou escrever a letras grandes: Sonhadora. Foi esse o seu papel nesta miserável vida. Sonhar.

Inês Bicho, 10^o7

MENÇÃO HONROSA

O Corredor da Vida

O corredor cheirava a juventude, era fundo e cheio de portas, à medida que ia gatinhando só conseguia ver mais portas.

Até que deu os seus primeiros passos e as portas que antes eram amarelas, escureciam e tornavam-se laranjas, e mais portas iam aparecendo mas agora estavam abertas, mostrando diferentes caminhos a seguir. Agora já habituado a andar, encontrando-se na idade dos ``porquês´´, percorria o corredor aos gritos e a correr sem parar entre as portas vermelhas.

Já na adolescência as portas eram azuis e com ele ia uma mala muito pesada, cheia de livros. Após algum tempo a andar as portas apareciam agora como verdes, mas neste período de tempo o número de portas era quase o dobro do que anteriormente aparecera, revelando mais escolhas para serem feitas e mais decisões para serem tomadas.

Olhava agora para si e já era um homem feito e seguia assim caminho com uma pasta já leve e com menos preocupações.

Já lhe doíam as pernas, as rugas apareciam-lhe na cara e sentia a pele áspera. Passava agora pelas portas brancas muito mais devagar do que antes passara pelas outras. O barulho das portas a abrirem-se parou e de repente o corredor acabou.

Diogo Gomes, 10º2